

RESSALVA

Atendendo solicitação do(a) autor(a), o texto completo desta dissertação será disponibilizado somente a partir de 8/8/2021.

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”

Instituto de Artes

Lucas Silva de Oliveira

Outras agendas em mediação cultural

São Paulo

2019

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”

Instituto de Artes

Lucas Silva de Oliveira

Outras agendas em mediação cultural

Dissertação apresentada ao curso de pós-graduação em Artes do Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – Unesp como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Artes

Linha de pesquisa: Processos Artísticos, Experiências Educacionais e Mediação Cultural

Orientadora: Professora Doutora Rejane Galvão Coutinho

São Paulo

2019

Ficha catalográfica preparada pelo Serviço de Biblioteca e Documentação do Instituto de Artes da UNESP

O48e

Oliveira, Lucas Silva de.

Outras agendas em mediação cultural / Lucas Silva de Oliveira.
- São Paulo, 2019.

131 f.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Rejane Galvão Coutinho.

Dissertação (Mestrado em Artes) – Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho”, Instituto de Artes.

1. Mediação cultural. 2. Professores - Formação. 3. Arte. 4. Museus - Aspectos educacionais. 5. Museus e comunidade. I. Coutinho, Rejane Galvão. II. Universidade Estadual Paulista, Instituto de Artes. III. Título.

(Mariana Borges Gasparino - CRB 8/7762)

CERTIFICADO DE APROVAÇÃO

TÍTULO DA DISSERTAÇÃO: Outras agendas em mediação cultural

AUTOR: LUCAS SILVA DE OLIVEIRA

ORIENTADORA: REJANE GALVAO COUTINHO

Aprovado como parte das exigências para obtenção do Título de Mestre em ARTES, área: Arte e Educação pela Comissão Examinadora:

Profa. Dra. REJANE GALVAO COUTINHO
Departamento de Artes Cênicas Ed Fund Com / Instituto de Artes de São Paulo

Profa. Dra. RITA LUCIANA BERTI BREDARIOLLI
Departamento de Artes Cênicas Ed Fund Com / Instituto de Artes de São Paulo

Prof. Dr. JORGE MASCARENHAS MENNA BARRETO
Departamento de Linguagens Artísticas / Universidade Estadual do Rio de Janeiro

São Paulo, 08 de agosto de 2019

À minha mãe e ao meu pai, estes que tanto amo.

Agradecimentos

Agradeço à professora doutora Rejane Galvão Coutinho, por acolher esta pesquisa e pela orientação criteriosa e generosa.

À professora Rita Luciana Bredariolli e aos colegas do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Imagem, História e Memória, Mediação, Arte e Educação (GPIHMAE), com os quais tenho caminhado lado a lado, compartilhando o desejo de transgredir.

Aos queridos amigos Edilene Santos Souza, Giselda Perê, Juliana Moura Bueno, Juliana dos Santos, Laura Chagas e Rafael Schmuziger, que foram interlocutores importantes para este trabalho.

À Amanda Carneiro, André Mesquita, Eliana Baroni, Horrana Santoz, Isadora Brandão, Leonardo Matsuhei, Luiza Proença, Miriam Lustosa, Pedro Andrada, Sophia Gutierrez, Thais Olmos e Waldial Braz, que, no núcleo de mediação e programas públicos do MASP, fizeram e fazem alta balbúrdia.

Aos colegas e amigos das demais equipes do MASP, em especial às equipes de Operações e do Centro de Documentação.

Às pessoas que me ajudaram a amadurecer lentamente, direta ou indiretamente e ao longo dos anos, muitas das ideias centrais desta pesquisa: Cayo Honorato, Diogo de Moraes, Daina Leyton, Elaine Fontana, Fátima Freire, Jorge Menna Barreto, Maralice Camillo, Mirela Estelles, Pablo Lafuente e amigos educadores do MAM.

À Ana Ventura, Bianca Tavolari, Claudia Pellegrini, Karina Nishioka, Ligia Marina de Almeida, Mariana Valente, Maria Renata de Aguiar Lopes, Nina Knutson, Patrícia Cassemiro, Samanta Dias, Suyanne Keidel e Vanja Poty, entre outras amigas, ao lado das quais atravesso os terremotos cósmicos como se encarasse uma pista de dança.

Resumo

À luz das ideias de Carmen Mörsch, esta pesquisa apresenta uma reflexão sobre abordagens críticas em mediação cultural por meio do relato do seu próprio autor, um dos mediadores implicados na transição do modelo pedagógico do Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand (MASP), entre 2015 e 2017. A pesquisa analisa tanto a escolha institucional do MASP por romper com o modelo das visitas guiadas, como duas das alternativas a esse modelo de trabalho com escolas, desenvolvidas em paralelo à ruptura, sendo elas projetos colaborativos com escolas e programas de formação e interlocução com professores. Ao longo da análise, saltam alguns fundamentos dessa abordagem crítica, aqui denominados como *outras agendas*: a produção de memória do trabalho desenvolvido com os públicos; a implicação nas agendas sociais manifestas no entorno dos museus; e a criação de políticas culturais por meio das quais os públicos são entendidos como interlocutores, não como receptores, de modo a abrir os museus para a participação dos públicos na construção das suas narrativas sobre a cultura. Com base nesses fundamentos e nas apostas, conquistas e entraves do trabalho de interlocução entre o MASP e as escolas, a mediação é investigada nesta pesquisa como vetor para a criação de outra ética na relação entre museus e públicos.

Palavras-chave: mediação cultural; mediação crítica; processos colaborativos; formação de professores; artes visuais

Abstract

In the light of the ideas of Carmen Mörsch, this research presents a reflection on critical approaches in cultural mediation through the author's own account, one of the mediators involved in the transition of the pedagogical model of the São Paulo Art Museum Assis Chateaubriand (MASP) between 2015 and 2017. The research analyzes both the institutional choice of MASP to break with the model of guided visits, and two of the alternatives to this model of working with schools, developed in parallel to the rupture, being they collaborative projects with schools and programs of training and interlocution with teachers. Throughout the analysis, some fundamentals of this critical approach, here denominated like other agendas, jump: the production of memory of the work developed with the public; the implication in the social agendas manifest in the surroundings of the museums; and the creation of cultural policies through which audiences are understood as interlocutors, not as recipients, in order to open museums for public participation in the construction of their narratives on culture. Based on these foundations and the bets, achievements and obstacles of the interlocution work between the MASP and the schools, mediation is investigated in this research as a vector for the creation of another ethic in the relationship between museums and publics.

Keywords: cultural mediation; critical mediation; collaborative processes; teacher training; visual arts

Sumário

Introdução:	11
Capítulo 1: Outras agendas, outros critérios.	16
1.1: Arte, um fim em si mesmo?	18
1.2: Atuar na contradição: mediação crítica	23
1.3: Marcos conceituais do programa de mediação do MASP	31
1.4: Políticas da mediação: um debate público	36
Capítulo 2: A ruptura com o modelo das visitas guiadas	42
2.1: Como foi a recepção dessa mudança pelos professores?	50
Capítulo 3: Colaboração: verbo transitivo indireto	59
3.1: A coleção investigada por crianças: <i>Histórias da infância</i>	61
3.2: Qual é o sexo do museu?	73
3.3: Notas sobre o potencial e o desinvestimento no modelo colaborativo	86
Capítulo 4: Professores no MASP: redes de solidariedade política	92
4.1: Um caminho mais longo no trabalho com professores	94
4.2: Um passo atrás, dois adiante	97
4.3: MASP Professores: arte, educação e esfera pública	102
Considerações finais	118
Bibliografia	124

Introdução

“A tua presença entra pelos sete buracos da minha cabeça
A tua presença, pelos olhos, boca, narinas e orelhas
A tua presença paralisa o meu momento em que tudo começa
A tua presença desintegra e atualiza a minha presença”

(*A tua presença morena*, Caetano Veloso)¹

O MASP é uma caixa acústica. Um grande artifício de reverberação. Ali, vi e ouvi surgir das ruas as mais potentes imagens e palavras, em parte capazes de representar a colisão interna pela qual o Brasil passa pelos últimos anos. As lágrimas e a revolta pela morte de Marielle Franco. Os cantos guarani pela manutenção da demarcação de suas terras no Jaraguá. A juventude feminista bradando pelo direito sobre seus próprios corpos. Os atos dos secundaristas. Galeristas, artistas e trabalhadores de museus com camisetas e placas patrocinadas, contra a censura ao nu na arte. A *mise en scène* da comemoração pelo Golpe Jurídico de Estado de 2016. As barricadas de fogo e os *black blocs* contra o choque. A greve de três meses dos professores da rede municipal, em 2015. O ato do dia 18 de março de 2016 com a presença do presidente Lula na Avenida Paulista. Os ciclistas pelados. O dia da morte de David Bowie. As Marchas da Maconha.

Trabalhei no MASP entre março de 2015 e abril de 2018. Inicialmente, participei da pesquisa para a retomada dos cavaletes de vidro de Lina Bo Bardi, preparando os verbetes sobre as obras da coleção. Mas, ao longo daquele primeiro ano, integrei-me também aos processos que levaram à criação do núcleo de mediação e programas públicos do Museu. Eu esperava encontrar ali as condições ideais para testar algumas hipóteses, fazendo reverberar nos programas de mediação os modos de uso do vão e as tensões entre a rua e o edifício de Lina Bo Bardi. Sabia também que a programação artística do Museu se propunha a explorar essas conexões nos anos consecutivos.

Desde a universidade, entendi que a condição para mover-me profissionalmente nos museus seria atuando como um educador ironista², isto é, alguém que duvida das certezas

¹ VELOSO, Caetano. *A tua presença morena*. In: *Circuladô de Fulô* (álbum). Rio de Janeiro, Estúdio PolyGram, 1991.

² Essa terminologia teve um forte impacto em minha formação como educador, no final da década de 2010. Aquele era um momento em que as discussões sobre a educação e a cultura visual começavam a ganhar capilaridade no Brasil, por intermédio do trabalho de pesquisadoras que se interessavam por trazer as abordagens dos estudos culturais para o campo do ensino de arte. O interesse por

tanto do campo da arte como da educação. Dos meus trabalhos anteriores ao MASP, também trago vivências que me levam a acreditar que é preciso projetar outras consequências para o que se propõe na interlocução com os públicos nos museus. Interesse-me, assim, pelas conexões entre mediação e ativismos. Mas a atualidade dessa conexão extrapola em muitos sentidos as minhas ambições e motivações individuais ou o contexto específico do MASP.

Ao longo dos últimos anos, uma série de rápidas mudanças intra e extra-institucionais têm forçado uma reelaboração dos sentidos e das práticas de mediação cultural no ambiente dos museus de arte de São Paulo. São muitas as variáveis: a redução temporária das políticas públicas que subsidiavam a ida de grupos escolares aos museus³, com a consequente redução dos recursos direcionados às folhas de pagamento de educadores; a exigência, mediante a escassez de tais políticas e a redução da presença de grupos escolares em museus, de que os trabalhadores da área criem outros modos de trabalho; a emergência de *contrapúblicos*⁴, que ocupam o entorno dos museus e que são por eles interpretados como uma demanda por comunicação entre museu e território. As instituições

ativismos, a desconfiança em relação aos espaços de circulação e produção artística e a minha adesão a uma ideia de arte como algo que poderia responder a contextos e se implicar socialmente levaram-me, inevitavelmente, a identificar-me com a ideia de um educador ironista proposta pelo professor Imanol Aguirre (cf. AGUIRRE, 2009). O educador ironista é aquele que entende a arte como contingencial e que conspira contra narrativas fechadas sobre a cultura e seus modos de uso.

³ Como veremos nos capítulos adiante, algumas políticas públicas foram definitivas para que, ao longo dos anos, o modelo das visitas guiadas a museus se estabelecesse. A política que certamente teve maior impacto em São Paulo chamava-se *Cultura é Currículo*. Tal programa, da Secretaria Estadual de Cultura em parceria com a Fundação para o Desenvolvimento da Educação (FDE), ocupava um grande percentual das agendas de visitas para grupos escolares nos museus em São Paulo até 2015, quando houve uma redução radical do subsídio oferecido ao programa. Em decorrência dessa interrupção, houve muitos cortes nas equipes educativas dos museus, sobretudo aqueles vinculados à Secretaria de Cultura: Pinacoteca, MIS, Paço das Artes e Museu Afro Brasil. O programa foi retomado pela Secretaria de Educação em 2018 e novamente interrompido no primeiro semestre de 2019. O jornal *O Estado de S. Paulo*, entre 21 e 24 de março de 2015, publicou algumas matérias sobre o tema dos cortes orçamentários na área de cultura, expondo a fragilidade de tais políticas de acesso aos aparelhos culturais e o efeito dos cortes na redução drástica das equipes educativas em grandes museus (cf. ESTADO DE S. PAULO, 2015).

⁴ Um contrapúblico, segundo a definição de Michael Warner, é um subconjunto do público, constituído através de uma relação conflituosa com o público dominante (cf. WARNER, 2016). Para o estudioso, a ideia de contrapúblico não designa “a simples inclusão de subalternos em um programa de reformas. Um contrapúblico mantém, em algum nível, consciente ou não, a noção de sua condição subordinada. O horizonte cultural ao qual ele se contrapõe não é apenas um público em geral ou mais amplo, mas um dominante. E o conflito não se estende apenas às ideias ou questões políticas, mas aos gêneros do discurso e modos de elocução que constituem o público” (WARNER, 2016, p.16). Tal termo designa, aqui, os contrapúblicos que ocupam os espaços do museu não por uma identificação com a sua programação, mas sim por estarem interessados pelo uso da arquitetura ali disponível. Penso, mais objetivamente, nos grupos de jovens da periferia que se desdobraram dos rolezinhos de 2013, que ocupam a marquise do Ibirapuera e se relacionam com o complexo de museus do Parque, ou que agora ocupam a Avenida Paulista aos domingos, quando a via fica aberta, por exemplo.

têm produzido diferentes respostas para esses mesmos estímulos. Em paralelo a isso, outros fenômenos produzem mudanças, como a assim chamada *virada educacional*, uma tendência entre artistas e curadores objetivamente interessados pelos modos de recepção e de participação dos públicos nos programas institucionais⁵.

Vislumbro, assim, que uma revisão das ideias sobre o que significa trabalhar com mediação cultural e educação nos museus está em curso. Em tempo, esta pesquisa almeja, além de apresentar reflexões sobre o recorte específico do trabalho com escolas proposto pelo MASP a partir de 2015, contribuir para as reflexões sobre as transformações no campo da mediação. Em primeiro lugar, porque tais transformações revelam a emergência de outras agendas para a mediação cultural, que não aquela de promover o acesso à cultura, uma vez que as pessoas já participam da cultura. Em segundo lugar, porque, a partir da minha vivência e implicação na transição do projeto pedagógico do MASP, encontro-me em posição privilegiada para compartilhar os partidos conceituais que fundamentaram tal transição e para refletir sobre os seus desdobramentos no trabalho entre museu e escolas.

O primeiro capítulo desta dissertação apresenta os marcos conceituais da pesquisa e as condições de realização das experiências narradas nos capítulos seguintes. Para fazer a crítica ao paradigma moderno da arte como fim em si mesmo e abrir os caminhos das abordagens críticas de mediação, evoco as ideias de dois autores franceses, Pierre Bourdieu e Jacques Rancière. Com eles, busco, mesmo sem fazer uso de outras epistemologias, evidenciar a dinâmica de autorreferencialidade que estrutura a economia política da arte e discutir sobre o empréstimo ou ocupação dos modos de fazer da arte para outros fins que não a autorreprodução do campo da arte. Com isso, adentro as ideias de Carmen Mörsch sobre a mediação crítica, para quem os discursos por trás dos formatos de trabalho em mediação – *afirmativos, reprodutivos, desconstrutivos e transformativos* – correspondem a concepções muitas vezes opostas sobre a relação que se deve consolidar entre museus e públicos, variando de modo não linear entre os extremos da autorreprodução da arte e o agenciamento dos públicos. Apresento, enfim, as mudanças que aconteceram no MASP, que permitiram a revisão do projeto pedagógico do Museu e a implementação do núcleo de mediação e programas públicos, em 2015.

⁵ Em seu texto *Exponer la educación*, María Acaso descreve o fenômeno das exposições sobre processos educacionais em arte que se iniciou em museus e que hoje participa de grandes feiras internacionais de arte, como a ARCO de 2017, em Madrid. Ela critica a apropriação do termo *educação* por agentes de contextos que não trazem os sujeitos responsáveis por consolidar experiências pedagógicas nas escolas ou outros espaços dedicados à educação. Ciritca também a arte e, mais especificamente, as curadorias, por não abdicarem de suas terminologias e protagonismo na organização dessas exposições, compreendendo que, nelas, a educação é sempre uma instância temporária. (cf. ACASO, 2017.)

O segundo capítulo traz as motivações que levaram o MASP à ruptura com o modelo de visitas guiadas para as escolas, de modo que os professores passassem eles mesmos a conduzir os seus grupos nas exposições. Para isso, discuto sobre a grande operacionalização do mecanismo das visitas guiadas a partir de meados dos anos 2000 e apresento os resultados de uma pesquisa, produzida pelo próprio MASP, sobre a recepção dos professores a essa ruptura com o modelo das visitas guiadas. Com isso, coloco em dúvida algumas das afirmações comuns sobre a recepção positiva e o alcance do modelo das visitas.

O terceiro capítulo reúne projetos de colaboração, propostos como alternativa às visitas guiadas. A partir da ideia de museu como *zona de contato*, para o qual é preciso criar outras éticas de relação com os públicos, reviso dois projetos colaborativos desenvolvidos no MASP em 2016. O primeiro trata de um conjunto de áudios, como registro de um processo pedagógico, realizado no contexto da exposição *Histórias da infância*, em 2016, em colaboração com professores de duas escolas e seus estudantes de 08 a 10 anos. O segundo apresenta os resultados de uma oficina realizada com coletivos feministas secundaristas de três escolas de São Paulo, a partir da pergunta “Qual é o sexo do museu?”.

Por fim, no quarto capítulo, são apresentadas as premissas e condições de realização de um trabalho focado em professores. Não sem conflitos internos, esse trabalho perdeu aos poucos o caráter de alternativa de formação para professores que conduziram suas próprias visitas e se transformou em um espaço de interlocução entre professores, firmando no Museu um território de solidariedade política. Isso porque o trabalho com professores assumiu uma vertente marcadamente decolonial,⁶ alinhado às agendas propostas pela programação artística do Museu, de modo que a preocupação passou a ser

⁶ Escolho, ao longo da pesquisa, utilizar o conceito de “decolonialidade”, no lugar de outros termos, como “descolonial” ou “pós-colonial”. Isso porque os processos sociais e culturais que correspondem à ideia de *giro decolonial*, cunhada nos anos 1990 por Walter D. Mignolo (LEDA, 2015, p.122), não almejam desfazer, reverter ou superar as marcas do processo de colonização, “descolonizar”. A ideia de decolonialidade fomenta, tendo em vista as relações construídas e enraizadas ao longo de séculos, as transgressões, as insurgências, as lutas contínuas. Compreende que a marca da modernidade não se apaga por uma revisão das instituições e discursividades coloniais; que a racionalidade moderna opera de modo complexo na língua, nas subjetividades, na cultura, na economia, nos modos de organização política, nas epistemologias dentro das quais operamos. O decolonial seria um modo de resistência à operação viva da colonialidade. A escolha por essa terminologia também decorre da compreensão de que o decolonial não surge ou se endereça somente ao campo acadêmico, como no caso da pós-colonialidade. Importante destacar que o debate da decolonialidade remete ao contexto específico da América Latina, já que as Américas foram ocupadas como se fossem uma continuidade o território Europeu, sob marcos ocidentalistas. Para Mignolo, a especificidade da colonização das Américas precisa ser considerada desde um ponto de vista diferente das teorias pós-coloniais, que foram, em sua maioria, produzidas por teóricos do Oriente Médio e da Índia, onde o processo colonial foi muito diferente e se iniciou com séculos de distância.

o protagonismo dos professores e o reconhecimento da sua motivação quando propõem o vínculo entre museu e escola.

Ao longo dos capítulos, as agendas que afirmo serem emergentes na mediação cultural aparecem de modo transversal. A primeira delas é a produção de memória sobre as práticas de mediação, a fim de fortalecer o campo e de tirar consequências do trabalho realizado com os públicos. A segunda delas é a conversa com o entorno, que no caso do MASP se manifesta sobretudo na diversidade de usos do espaço do vão e da avenida. Por fim, a terceira agenda trata do esforço em fazer o trabalho com os públicos ser entendido não como um fim, mas sim como um meio, de modo a criar maior porosidade nos museus para que as narrativas culturais ali veiculadas permitam o atravessamento e contemplem abertamente a experiência cultural dos públicos, incluindo nisso as comunidades escolares.

A pesquisa é mesmo assim estruturada em torno do relato reflexivo deste autor, que faz uso da sua memória e experiência ao mesmo tempo em que tenta tomar distância da narrativa para pensar a mediação de modo mais amplo. Esse movimento é importante para que sejam elaboradas perguntas que extrapolem o limite das experiências aqui narradas.

A pesquisa foi construída a partir de diferentes literaturas, porque compreendo que a mediação cultural é uma área de fronteira entre muitas outras. Empresto ideias dos campos da arte, da educação, das políticas culturais e da museologia crítica. Mobilizo muitos textos produzidos pelo próprio MASP e também documentos institucionais tornados públicos, como os relatórios anuais e os registros audiovisuais dos diferentes programas do Museu. Ademais, utilizo a pesquisa aplicada institucionalmente com os professores que levaram seus estudantes ao MASP em 2017, cujos resultados foram generosamente compartilhados pela coordenação da atual equipe de mediação.

Considerações Finais

Como vimos, muitas contradições emergiram no contexto das experiências narradas, exigindo, algumas vezes, recuos e uma reelaboração das ações para que o trabalho com professores, com vista às comunidades escolares, pudesse ter continuidade e se firmar dentro do projeto pedagógico do MASP. Essas variáveis surgiam tanto da conversa com os públicos como, e sobretudo, no interior da própria instituição, dadas as relações de poder e subordinação que estruturam dinâmicas de trabalho em lugares como um museu. Como afirma Carmen Mörsch, atuar criticamente no interior das instituições artísticas presume enfrentamentos que se atualizam constantemente, o que nos lembra da natureza colonial dos museus e da nossa tarefa de subvertê-la.

Ao longo da escrita, tentei fazer com que aquilo que denominei como *outras agendas em mediação cultural* aparecesse de modo transversal. Em primeiro lugar, teorizar e produzir memória dos trabalhos de mediação é, talvez, a agenda menos dita, mas mais evidente desta pesquisa. Isso porque esta dissertação é endereçada aos meus pares, pesquisadores dos campos da mediação cultural, da arte e da educação. Eles, presumo, são os mais interessados nos modos de recepção da arte pelos públicos e nos espaços que podemos criar nos museus para que estes sejam mais potentes, menos elitistas e menos comprometidos com as dinâmicas de autorreferencialidade do campo da arte. Dediquei esses 27 meses de trabalho a transferir da minha experiência no Museu para a universidade todas essas reflexões, de modo a colocar as ideias para circular onde, por equanto, o pensamento crítico pode atuar de modo mais livre.

Como aponta Mörsch, mesmo as abordagens críticas em mediação cultural são, por vezes, apropriadas institucionalmente sem que, com isso, se reconheça o conhecimento que é produzido a partir da interlocução com os públicos nos museus. Nesse sentido, produzir memória das práticas de mediação que tentam ampliar os espaços de enunciação para os públicos é também um modo de demarcar ideias e conquistas. Existe uma dimensão autoral no trabalho de mediação, nutrida por uma miríade de saberes, que precisa ser reconhecida, em primeiro lugar, por seus próprios agentes. E isso demanda trabalho e compromisso político.

Muitas das escolhas realizadas durante a implementação do novo projeto pedagógico do MASP foram consideradas, à época, bastante radicais, especialmente a ruptura com o modelo das visitas guiadas. Assim, compartilhar a reflexão sobre essas escolhas e os dados que puderam ser coletados institucionalmente foi um modo de tentar

abrir e analisar essa experiência. Ali, havia condições para testar essa ruptura. Não ousou afirmar que essa é, *a priori*, uma escolha que fortalece sozinha o espaço da relação entre museu e escola, pelo contrário, a menos que haja um projeto consolidado para ampliar os modos de presença e protagonismo das comunidades escolares nos museus, sobretudo mediante a atuação dos professores.

No caso do MASP, a equipe pequena e a desproporção no interesse curatorial pela mediação ou pelos programas públicos fez com que, como vimos, as alternativas propostas à ruptura com o modelo das visitas guiadas se transformassem em um campo de disputa. Ainda que as ideias de colaboração fossem potentes – aliás, justamente por isso –, elas colocavam em xeque a autoridade e a verticalidade na produção de conteúdos pelo Museu. Por isso sofreram, especialmente no caso dos projetos colaborativos, um desinvestimento, que não posso determinar se resulta de uma falta de imaginação política ou de um descompromisso ético da gestão com os discursos difundidos pelo próprio Museu. Disso resultou que o trabalho com professores levou quase um ano para ganhar corpo, ao contrário dos demais programas, procurando assumir uma lógica de rede que está, todavia, submetida a um modelo *afirmativo*.

Por um lado, hoje entendo que o caminho construído nos programas de formação e interlocução com professores foi positivo, embora se tenha desviado da proposta de construí-lo participativamente. Manteve, mesmo assim, o compromisso de fazer do Museu um espaço de reverberação dos debates sobre educação na esfera pública e com a criação de um espaço de encontro e imaginação política. Sem uma equipe grande e com recursos para investir em modelos colaborativos, não haveria, no MASP, sustentação para uma agenda contruída em colaboração com professores. Assim, o modelo de programa público, em um auditório e com uma programação desenhada com antecedência suficiente para garantir espaço no planejamento anual e no orçamento, garantiu a continuidade do trabalho.

Por outro lado, imagino o quão potente seria um cenário em que as ações dos educativos dos museus pudessem ser construídas dentro de uma lógica colaborativa, com garantia de equipes maiores, que gozassem de recursos, autonomia criativa e condições para registrar e teorizar sobre esses processos. No MASP, em especial, penso que há recursos e tempo mais do que suficientes para que se revise essa proposta. O Museu segue trabalhando com temas decolônias, que exigem disposição institucional para não tratar a política apenas como um tema, mas como uma linguagem. Penso que, ali, uma revisão dos modos de trabalho potencializaria e legitimaria, por outro viés, as pautas políticas exploradas no programa expositivo.

Acredito que o esvaziamento do modelo das visitas guiadas não é um diagnóstico exclusivo da equipe que participou da transição do projeto pedagógico no MASP. Creio que muitos pares de outras instituições compartilham dessa percepção. Percebo, ademais, que muitos educativos estão experimentando outros modos de interlocução com comunidades escolares, paralelos ao modelo das visitas, sem necessariamente prescindir dos modos como já trabalhavam.

Nesse sentido, esta pesquisa poderia contribuir ao produzir dados que comprometem a ideia de que as escolas dependem da forma das visitas guiadas para construir pontes com os museus. Se estiverem sensíveis à variedade de motivações das comunidades escolares, os museus terão condições de avaliar quanto o seu trabalho com visitas atende também a uma demanda institucional por um controle dos corpos e quanto há disposição para modelos mais horizontais para a relação com as escolas, de modo que os interesses e saberes dos próprios mediadores e das escolas possam se sobressair às metas institucionais de visitação.

Esta pesquisa também se limitou a fazer um recorte específico do trabalho desenvolvido com as escolas no MASP. É importante lembrar que a ruptura com o modelo das visitas também permitiu a abertura de outras frentes de trabalho não voltadas para escolas, como as oficinas, os ciclos de cinema, ou as bolsas de pesquisa que, no MASP, fazem parte do programa de mediação. Não havia espaço neste pesquisa, contudo, para considerar todas essas variáveis, embora muitas delas compartilhem do interesse pela conexão com o entorno do Museu e por fazer da conversa com os públicos uma instância de pesquisa e criação de conhecimentos para interferir nas narrativas culturais veiculadas pelo Museu. Deixo aqui como sugestão de pesquisa para meus colegas.

O uso do formulário criado na própria instituição e aplicado aos professores que visitaram o MASP com seus grupos, em 2017, faz com que a análise sobre a recepção da ruptura com o modelo das visitas guiadas seja, a meu ver, limitada. Acredito que, se houvesse condições de aprofundar esse tema ao longo deste mestrado, os registros dos projetos realizados por professores em suas visitas teriam todo o seu potencial revelado, talvez contribuindo de modo mais consistente para o diagnóstico do esvaziamento do modelo das visitas guiadas por profissionais dos museus. Entrevistar professores, acompanhar visitas planejadas por eles e deslocar-se do museu para a escola seriam boas estratégias para entender como esse trabalho tem sido realizado. Melhor seria, é claro, se os próprios museus pudessem se implicar nesse trânsito como parte do trabalho. Deixo, assim, outra sugestão de continuidade para pesquisadores interessados.

Outras duas agendas, além da produção de memória, também atravessaram transversalmente esta pesquisa. A atenção constante aos modos de uso e às palavras de ordem manifestas no vão do MASP aparece de modo contínuo nas experiências aqui narradas. E esse interesse pela relação com o entorno, em minha visão, é uma agenda que extrapola, e muito, o contexto daquele museu, embora a dimensão de praça pública do vão e a atual programação artística do MASP intensifiquem essa relação. Seja na motivação por trás dos projetos de colaboração apresentados, seja na ideia de reverberar o aspecto político dos programas do Museu na interlocução com professores, há uma compreensão de que a programação de um museu é um modo de participação na esfera pública. Isso foi o que alimentou, nas ações apresentadas, o interesse contínuo por reconhecer e fomentar a experiência estética mais vibrante, a meu ver, que se tem construído naquele museu: as conexões entre o vão e a programação artística. Com todos os limites e contradições, é essa correlação que faz, por exemplo, algumas centenas de professores participarem dos encontros sobre arte, educação e esfera pública (MASP Professores), fazendo valer a ideia de que um museu pode ser um espaço de formação e solidariedade política para professores.

Esse aspecto, aliás, precisa ser ressaltado. A presença contínua dos professores no MASP Professores, em correlação/conexão/convergência com a agenda expositiva do Museu, transborda um interesse desse público por usar o museu como recurso, como ferramenta, para se fortalecer nesse momento de crescente suspeita contra esses profissionais e de grandes esforços de precarização dos sistemas públicos de educação. As áreas da cultura e da educação são duas das mais afetadas pelo levante conservador que tem ocorrido no país nos últimos anos. Por isso, é nesse contexto que os modos de fazer, de narrar e de tornar público de um museu e da arte mais podem contribuir para que essa categoria se fortaleça, se comunique, se proteja e se projete. Em tempos de polarização, a tendência é o recuo. Mas o recuo, contudo, não cria espaços de possibilidade. É preciso então ousar e ousar, assumindo e qualificando a educação e a cultura como campos de experiência estética, ética e política capazes de mudar a realidade.

Não houve tempo nesta pesquisa para avaliar a continuidade da participação do público do MASP Professores e como essa agenda objetivamente interessada em pautas políticas do campo da educação reverberaram em suas práticas. O horizonte desse trabalho não era formar os professores apenas para fazerem suas visitas no MASP, mas esse poderia ser também um desdobramento. Assim, fica aqui mais uma possibilidade de continuidade para esta pesquisa, que pode aproximar-se ou não das sugestões anteriores.

Por fim, a última agenda proposta nesta pesquisa era criar espaços de participação na produção das narrativas culturais veiculadas nos museus a partir do trabalho com os públicos. No caso do MASP, em minha opinião, essa possibilidade se esvaziou. Talvez ela permaneça de modo controlado na forma dos seminários, mas este é um modelo *afirmativo* que, ao longo do tempo, acaba por, antes, legitimar as escolhas do Museu entre os pares já informados, endereçando-se a pessoas já comprometidas com debates específicos, entre elas muitos acadêmicos, artistas legitimados, curadores internacionais e, por vezes, pessoas engajadas em movimentos sociais. Na contramão disso, uma interferência a partir do trabalho com os públicos da mediação aconteceu no projeto de áudios com crianças, no contexto de *Histórias da infância*, mas também em algumas experiências de oficinas durante os programas expositivos consecutivos.

Há formas menos públicas de reformular os programas e narrativas veiculadas pelo museu a partir da conversa com os públicos. É o que aconteceu com o programa construído para o MASP Professores para 2018, que, em muitos sentidos, partiu das conversas geradas a partir do encontro de setembro de 2017, sobre educação antirracista e cultura negra. Mesmo assim, existe um componente nos modelos colaborativos que consolidaria uma instância de participação dos públicos, que seria importante para criar precedentes desse tipo nas instituições artísticas. Há outras esferas dos museus que precisam ser mais porosas, mais permeáveis. Por isso, a insinuação desse espaço de participação pública, em outra condição que não a de receptores, pode contribuir para que se imagine outros modos de construir e também para que se delibere sobre os programas e as políticas culturais de um museu. Reconheço que isso é algo muito difícil se consolidar em uma instituição privada. De todo modo, e diante dos limites da associação entre mediação e curadoria apresentados nesta pesquisa, deixo aqui uma questão importante. A conversa com os públicos pode contribuir, e muito, para as narrativas culturais veiculadas pelos museus e para os modos como se pesquisa, apresenta e amplia uma coleção. No entanto, como elas podem adentrar e contribuir para as esferas deliberativas dessas instituições? Isso porque, mesmo com todas as suas contradições, imagino que haja muitos enfrentamentos da curadoria com essas instâncias, para manter programas expositivos desse perfil em casos como o do MASP, por exemplo.

Por fim, penso que a escolha por falar sobre essas agendas era o que eu acreditava ser a maior contribuição para o campo que eu poderia tentar fazer, neste momento. Penso que o compromisso político com os professores neste momento histórico e a compreensão de que eles poderiam e deveriam ter condições de ocupar o espaço de protagonismo do trabalho entre museus e escolas seria, por si só, um tema de pesquisa. Do mesmo modo,

vejo no interior dos projetos de colaboração apresentados, dentre outros poucos mais, uma riqueza de experiências que também mereceriam maior aprofundamento. Por isso quis contemplá-las, com algum nível de detalhamento, mas cuidando para que as escolhas por trás dessas experiências se sobressaíssem ao mergulhar em cada uma delas.

O capítulo sobre os projetos colaborativos, em especial, foi o que me proporcionou maior prazer na escrita. Isso se deu, certamente, porque nesses projetos a conversa com os públicos era mais direta e mais autônoma. Foi assim que me formei como mediador, já trabalhando em exposições: no contato direto com os públicos, buscando potência no interior desse encontro. Essa potência é a razão pela qual eu sempre interpretei que a proposta de ruptura com o modelo das visitas foirecebida com desconfiança pelos colegas do campo. Eu acreditava que tal ruptura seria entendida, a priori, como uma precarização da área. Mas, em geral, as pessoas com as quais conversei sobre sabiam que a equipe de educadores do MASP ainda existia, cuidando de outros tipos de programas. O receio que eu que acreditava haver era, penso, porque com tal ruptura o contato direto com os estudantes talvez se perdesse. Vejo nisso um compromisso político, de pessoas que também veem potência na relação entre museu e escola. Mas não posso me furtar à conclusão de que é preciso duvidar das certezas por trás dos discursos sobre inclusão e acesso à cultura. Tampouco posso deixar de provocá-los, como tento fazer comigo mesmo, a buscar maior continuidade, experimentação e a desejar saber como o lado de lá, dos públicos, sobretudo dos nossos pares docentes, recebem o nosso trabalho, quais consequências são geradas desses encontros e em que outros formatos e finalidades esse encontro poderia se consolidar.

Bibliografia

- ABBUD, Bruno. O grupo da mão invisível. Dois meses de conversas no WhatsApp do MBL. **Piauí**, São Paulo, 03 out. 2017. Disponível em: <<http://piaui.folha.uol.com.br/o-grupo-da-mao-invisivel/>>. Acesso em: 01 de julho de 2019.
- ACASO, María. Exponer la educación. Disponível em: <https://mariaacaso.es/educacion-disruptiva/exponer-la-educacion/> . Acesso em 01 de julho de 2019.
- AGUIRRE, Imanol. Imaginando um futuro para a educação artística. In: TOURINHO, I.; MARTINS, R. (Org.). **Educação da cultura visual: narrativas de ensino e pesquisa**. Santa Maria: UFSM, 2009, p. 157-188.
- ALMEIDA, Ligia Marina. Desencaixar para descolonizar: aprender a aprender COM os povos originários da América Latina. IN: **Rascunhos** (revista), v.5, n.3 Edição Especial, Dezembro e 2019, pp.78-91.
- ARANTES, Otília. Os novos museus. In: **Revista Novos Estudos**, Cebrap, São Paulo, n. 31, p.161-169, 1991.
- ARAÚJO, Marcelo Mattos; BRUNO, Maria Cristina Oliveira (Org.). **A memória do Pensamento Museológico Contemporâneo: documentos e depoimentos**. São Paulo: Comitê Brasileiro do ICOM, 1995.
- BARDI, Pietro Maria. **Sodalício com Assis Chateaubriand**. São Paulo: MASP, 1982.
- _____. Um museu fora dos limites [*Musée Hors des Limites*]. In: **Boletim do Museu de Arte de São Paulo**. São Paulo, MASP, 2016, p.8-11.
- BENTO**, Maria Aparecida Silva. ***Pactos narcísicos no racismo: branquitude e poder nas organizações empresariais e no poder público***. (Tese de doutorado), São Paulo: Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, Departamento de Psicologia da Aprendizagem, do Desenvolvimento e da Personalidade, 2002.
- BREDARIOLLI, Rita Luciana B. A liberdade como método: um projeto moderno em ação “pioneira” de ensino de arte no Museu de Arte de São Paulo. In: BARBOSA, Ana Mae (Org.). **Ensino da arte: memória e história**. São Paulo, Perspectiva, 2014, p. 197-216.
- _____. **Das lembranças de Suzana Rodrigues: tópicos modernos de arte e educação**. Vitória: Edufes, 2007.
- BO, Lina. Explicações sobre o Museu de Arte. In: MASP. **Concreto e Cristal: o acervo do MASP nos cavaletes de Lina Bo Bardi**. São Paulo: MASP e Cobogó, 2015, p.135-6.
- _____. O Museu de Arte de São Paulo: função social dos museus. In: **Boletim do Museu de Arte de São Paulo**. São Paulo: MASP, 2016, p.12-14.
- BOTELHO, Isaura. As dimensões da cultura e o lugar das políticas culturais. In: **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, vol. 15, n. 2, p.73-83, 2001.
- BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. Tradução de Sergio Miceli. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução de Renato Aguiar. São Paulo: Civilização Brasileira, 2015.

- CABAÑAS, Kaira M. Criatividade comum. In: **Históricas da loucura: desenhos do Juquery** (Brochura). São Paulo: MASP, 2015.
- CAMNITZER, Luis. O artista, o cientista e o mágico. In: **Revista Humboldt**, Kempten, n. 104, ano 52, p. 52-42, 2011.
- _____. O ensino de arte como fraude. In: CERVETTO, Renata; LÓPEZ, Miguel A. (Org). **Agite antes de usar: deslocamentos educativos, sociais e artísticos na América Latina**. São Paulo: SESC, 2018.
- CARREIRA, Denise (et al.). **Gênero e educação: Fortalecendo uma agenda para as políticas educacionais**. São Paulo: Ação Educativa; Cladem; Ecos; Geledés; Fundação Carlos Chagas, 2016.
- CATELLI JR., Roberto. A criminalização ideológica dos livros didáticos: a que serve?. In: AÇÃO EDUCATIVA Assessoria, Pesquisa e Informação (Org.). **A ideologia do movimento Escola sem Partido: 20 autores desmontam o discurso**. São Paulo: Ação Educativa, 2016, p.83-91.
- CHAGAS, M. e BOGADO, D. **Memória das Olimpíadas: múltiplos olhares, organizados no âmbito do projeto Preservação da Memória das Olimpíadas: processos e ações**. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 2017.
- CLIFFORD, James. Museus como zona de contato. Tradução de Valquíria Prates e Alexandre Barbosa de Souza. In: **Periódico Permanente**, n.6. 2016. Disponível em: <<http://www.forumpermanente.org/revista/numero-6-1/conteudo/publicos-e-contrapublicos-versao-abreviada>>. Acesso em: 01 de julho de 2019.
- COLLUCCI, Cláudia; GRAGNANI, Juliana. Meninas formam coletivos feministas em escolas de ensino médio de SP. **Folha de S. Paulo**, 01 nov. 2015. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2015/11/1701071-meninas-formam-coletivos-feministas-em-escolas-de-ensino-medio-de-sp.shtml>>. Acesso em: 01 de julho de 2019.
- CONTRAFILÉ. **A batalha do vivo: grupo contrafilé, secundaristas de luta e amigos**. São Paulo: MASP; SESC SP, 2016.
- COUTINHO, Rejane Galvão. Mário de Andrade e os desenhos infantis. In: BARBOSA, Ana Mae (Org.). **Ensino da arte: memória e história**. São Paulo: Perspectiva, 2014, p. 157-196.
- _____. O educador pesquisador e mediador: questões e vieses. In: **Pós: Revista do Programa de Pós-Graduação em Artes da Escola de Belas Artes da UFMG**, Belo Horizonte, v.3, p. 44-54, 2013.
- CUNHA, Guilherme Leite. Medio. Monitoro. Valorizo. In: **Revista Dazibao**, São Paulo, n.1, 19-31, 2013.
- CYPRIANO, Fabio. Bial ter 45% menos visitantes do que o esperado. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 9 nov. 2010. Disponível em: <<https://noticias.bol.uol.com.br/entretenimento/2010/11/09/bial-tera-45-menos-visitantes-do-que-o-esperado.jhtm>>. Acesso em: 01 de julho de 2019.
- DEUTSCH, Rosalyn. A arte de ser testemunha na esfera pública em tempos de guerra. Tradução de Jorge Menna Barreto. In: **Revista Concinnitas**, Rio de Janeiro, ano 10, vol. 2, n. 15, dez. 2009.
- FAUNDEZ, Antonio; FREIRE, Paulo. **Por uma pedagogia da pergunta**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

- FELDMAN, Ilana. Imagens apesar de tudo: problemas e polêmicas em torno da representação de “Shoah” e “O filho e Saul”. In: **Revista ARS**, São Paulo, v.14, n.18, 2016, pp. 135-153.
- FRASER, Nancy. Da redistribuição ao reconhecimento? Dilemas da justiça numa era “pós-socialista”. Tradução de Júlio Assis Simões. In: **Cadernos de Campo**, São Paulo, n. 14/15, p.231-239, 2006.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler. Em três artigos que se completam**. São Paulo: Autores Associados/ Cortez Editores, 1989.
- FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 02 de dezembro de 1970. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 2014.
- _____. O que é a crítica? [*Qu'est-ce que la critique? Critique et Aufklärung*]. (Conferência proferida em 27 de maio de 1978) Tradução de Gabriela Lafetá Borges. **Bulletin de la Société Française de Philosophie**, Paris, vol. 82, n. 2, p. 35-68, avr/juin 1990. Disponível em: <<http://michel-foucault.weebly.com/uploads/1/3/2/1/13213792/critica.pdf>>. Acesso em: 01 de julho de 2019.
- FUNDAÇÃO BIENAL DE SÃO PAULO. Audioguia Oi da 31ª Bienal de São Paulo. São Paulo, 2014. Disponível em: <<http://www.31bienal.org.br/pt/mediation/811>>. Acesso em: 01 de julho de 2019.
- _____. **Relatório de gestão e contribuições à sociedade 2013-2014**. São Paulo, 2015. Disponível em: <https://issuu.com/bienal/docs/bienal-relatorio_gestao_2013_2014_eaeb546ab363bb>. Acesso em: 01 de julho de 2019.
- GRAGNANI, Juliana. Imobilizados e em silêncio, estudantes fazem performance na Av. Paulista. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 06 dez. 2015. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/educacao/2015/12/1715678-imobilizados-e-em-silencio-estudantes-fazem-performace-na-av-paulista.shtml>>. Acesso em: 01 de julho de 2019.
- HABERMAS, Jürgen. **Mudança estrutural da esfera pública**. Tradução de Denilson Luis Werle. São Paulo: Unesp, 2014.
- HARAWAY, Donna. Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. In: TADEU, Tomás (Org). **Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009, pp.33-118.
- HARVEY, David; MARICATO, Ermínia; ŽIŽEK, Slavoj; DAVIS, Mike (et al). **Cidades rebeldes: Passe Livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil**. São Paulo: Boitempo/Carta Maior, 2013.
- HEIDENREICH, Stephan. Against curating. **&&&Journal**, June 23, 2017. Disponível em: <<http://tripleampersand.org/against-curating/>> Acesso em: 11 de junho de 2019.
- HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade**. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017.
- KERNER, I. Tudo é interseccional? Sobre a relação entre racismo e sexismo. In: **Novos Estudos**, Cebrap, São Paulo, n. 93, p. 45-58, julho 2012.

- LAFUENTE, Pablo. Arte, educação, classe. In: **Revista Urbânia**, São Paulo, n. 5, pp.274-275, 2014.
- LANDKAMMER, Nora. "Collaborating in migration societies: a minds-on assignments". In: MEESSEN, Yoeri; UNTEREGGER, Thea. **Manifesta Workbook: an art media resource**. Disponível em: <manifesta.workbook.org/landkammer.pdf>. Acesso em: 01 de julho de 2019.
- LEDA, Manuela Corrêa. Teorias pós-coloniais e decoloniais: para repensar a sociologia da modernidade. In: **Temáticas**, Campinas, vol. 23, (45/46), p. 101-126, fev/dez 2015.
- LEON, Ethel. **IAC. Instituto de Arte Contemporânea: Escola de Desenho Industrial do MASP (1951-1953). Primeiros estudos**. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.
- LOPES, Maria Margaret. A favor da desescolarização dos museus. IN: **Educação e sociedade** (revista), v. s/n n.40, p.p.443-455, 1991.
- LOURENÇO, Maria Cecilia F. **Operários da Modernidade**. São Paulo: Hucitec/Edusp, 1995.
- LÖWY, Michel. Da tragédia à farsa: o golpe de 2016 no Brasil. In: JINKINGS, Ivana; DORIA, Kim; CLETO, Murilo (Org.). **Por que gritamos golpe? Para entender o impeachment e a crise**. São Paulo: Boitempo, 2016.
- MATTAR, Sumaya. *Cartografia e autoria docente: a imaginação criadora nos processos de planejamento de ensino*. In: MATTAR, Sumaya; ROIPHE, Alberto (orgs.). **Arte e educação: ressonâncias e repercussões**. São Paulo: ECA USP, 2016.
- MIGLIACCIO, Luciano. Imagens da infância: reflexões a partir do acervo do MASP. In: **Histórias da infância** (Catálogo). São Paulo: MASP, 2016, p.56-65.
- MIGNOLO, Walter. **Histórias locais / Projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.
- MOLINA, Camila. Corte de orçamento obriga Museu Afro Brasil a demitir. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 21 mar. 2015. Disponível em: <<https://cultura.estadao.com.br/noticias/artes.corte-de-orcamento-obriga-museu-afro-brasil-a-demitir,1655019>>. Acesso em: 10 de junho de 2019.
- _____. Pinacoteca do Estado vai cortar 15% do seu orçamento para 2015. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 24 mar. 2015. Disponível em: <<https://cultura.estadao.com.br/noticias/artes.pinacoteca-do-estado-vai-cortar-15-do-seu-orcamento-para-2015,1657047>>. Acesso em: 10 de junho de 2019.
- MONTERO, Javier Rodrigo. "Experiências de mediação crítica e trabalho em rede nos museus: das políticas de acesso às políticas em rede". Tradução de Lucas Oliveira. In: **Periódico Permanente**, São Paulo, n.6, 2016. Disponível em: <http://www.forumpermanente.org/revista/numero-6-1/conteudo/experiencias-de-mediacao-critica-e-trabalho-em-rede-nos-museus-das-politicas-de-acesso-as-politicas-em-rede#_ftn14>. Acesso em: 01 de julho de 2019.
- MÖRSCH, Carmen. "Na encruzilhada de quatro discursos. Mediação e educação na documenta 12: Afirmação, Reprodução, Desconstrução e Transformação". Tradução de Mônica Hoff. In: **Periódico Permanente**, Cidade, n. 6. 2016. Disponível em: <<http://www.forumpermanente.org/revista/numero-6-1/conteudo/numa-encruzilhada-de-quatro-discursos-1-mediacao-e-educacao-na>>.

- documenta-12-entre-afirmação-reprodução-desconstrução-e-transformação-2>. Acesso em: 01 de julho de 2019.
- _____. Trabalhar na contradição. Tradução de Marcelo Backes. In: **Revista Humboldt**, Kempten, n. 104, ano 52, 2011.
- MUSEU DE ARTE DE SÃO PAULO. Conjunto de áudios da exposição Histórias da infância. São Paulo, 2016. Disponível em: <<https://soundcloud.com/maspmuseu>>. Acesso em: 01 de julho de 2019.
- _____. Conjunto de áudios da exposição Histórias afro-atlânticas. São Paulo, 2018. Disponível em: <<http://soundcloud.com/maspmuseu>>. Acesso em: 01 de julho de 2019.
- _____. Guerrilla Girls: Gráfica, 1986-2017 (catálogo). São Paulo: MASP, 2017.
- _____. **Relatório anual de atividades de 2016**. São Paulo, 2017. Disponível em: <<https://masp.org.br/uploads/about-governance-items/GRpHUVW9WjSSwaqQkn6BiSR3RKHZLvGM.pdf>>. Acesso em: 01 de julho de 2019.
- _____. **Relatório anual de atividades de 2017**. São Paulo, 2018. Disponível em: <<https://masp.org.br/uploads/about-governance-items/BNYPls0ZiAsWaFNEz4CP2xqq1XB5qVHK.pdf>>. Acesso em: 01 de julho de 2019.
- MUSEU LASAR SEGALL. Seminário Educação e Política na Ação Educativa. Disponível em: <http://iptv.usp.br/portal/video.action?itemId=37858> (Acesso em 01 de julho de 2019).
- OLIVA, Fernando. Mário de Andrade, Flávio de Carvalho, Mário Pedrosa e Suzana Rodrigues: pensamento moderno, autonomia e desenhos de crianças nas origens do MASP. In: **Histórias da infância** (Catálogo). São Paulo: MASP, 2016, p. 57-63.
- OLIVEIRA, Olívia de. Os antimuseus e antiescolas de Lina Bo Bardi e Paulo Freire”. In: **Concreto e Cristal: o acervo do MASP nos cavaletes de Lina Bo Bardi**. São Paulo: MASP e Cobogó, 2015, p. 85-91.
- PELLEGRINI, Marcelo. Ato de mulheres contra Cunha foga em racismo. **Carta Capital**, São Paulo, 12 nov. 2015. Disponível em: <http://www.cartacapital.com.br/sociedade/ato-de-mulheres-contracunha-foga-em-racismo-6625.html>. Acesso em: 01 de julho de 2019.
- PEDROSA, Adriano. Concreto e cristal: aprendendo com Lina. In: **Concreto e cristal: o acervo do MASP nos cavaletes de Lina Bo Bardi**. São Paulo: MASP e Cobogó, 2015, p. 14-21.
- _____. History, histórias. In: MASP: **Histórias afro-atlânticas** (Antologia). São Paulo: MASP, 2018, p. 8-10.
- _____. “Playgrounds: campos de jogo, terrenos de brincadeiras”. In: **Playgrounds 2016** (Catálogo). São Paulo: MASP, 2016.
- PEDROSA, Mário. Arte infantil (Introdução do catálogo da Exposição infantil do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, dezembro de 1952). In: ARANTES, Otília (org.) **Forma e percepção estética: textos escolhidos II**. São Paulo: Edusp, 1996, p. 63-70.

- PENNA, Fernando. “O ódio aos professores”. In: Ação Educativa Assessoria, Pesquisa e Informação (org). **A ideologia do movimento Escola sem Partido: 20 autores desmontam o discurso**. São Paulo: Ação Educativa, 2016, pp.93-100.
- PERES, Diana Tubenchlak. **Um pé em cada canoa: professores de artes entre museus e escolas**. (Dissertação de Mestrado), São Paulo: 2017.
- PRECIADO, Paul B. **Texto Yonqui: sexo, drogas e biopolítica**. Buenos Aires: Paidós, 2014.
- PROENÇA, Luiza. Mediação no MASP, mediação como jogo. In: **Playgrounds 2016** (Catálogo). São Paulo: MASP, 2016.
- RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do sensível: estética e política**. Tradução de Mônica Costa Netto. São Paulo: EXO Experimental Org./ Ed. 34, 2005.
- _____. **El espectador emancipado**. Tradução de Ariel Dillon. Buenos Aires: Manantial, 2010.
- _____. **O mestre ignorante: cinco lições sobre a emancipação intelectual**. Tradução de Lílian do Valle. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.
- _____. **O ódio à democracia**. Tradução de Mariana Echalar. São Paulo: Boitempo, 2014.
- RIBEIRO, Darcy. **O processo civilizatório**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- ROCHA, Glauber. MAMB não é museu: é escola e “movimento” por uma arte que não seja desligada do homem. **Jornal da Bahia**, Salvador, 21 set. 1960.
- ROCKFELLER, Nelson A. Cidades da civilização. Discurso (re)inaugural proferido em 1950, no Museu de Arte de São Paulo. In: **Revista Habitat**, São Paulo, n.1, p.18, 1950.
- ROSSI, Marina. Mulheres protestam contra terceira vez em duas semanas. **El País Brasil**, São Paulo, Rio de Janeiro, 12 nov. 2015. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2015/11/12/politica/1447346906_965515.html>. Acesso em: 01 de julho de 2019.
- RUBINO, Silvana. Lina, leitora de Gramsci. In: **A mão do povo brasileiro, 1969-2016** (Catálogo). São Paulo: MASP, 2016, p. 64-70.
- RYDLEWSKI, Carlos. Como um grupo de empresários salvou o MASP. **Revista Exame**, São Paulo, 02 nov. 2017. Disponível em: <<https://exame.abril.com.br/revista-exame/um-museu-capitalista/>>. Acesso em: 01 de julho de 2019.
- SANTINI, Alexandre. **Cultura Viva Comunitária: políticas culturais no Brasil e na América Latina**. Rio de Janeiro: ANF Produções, 2017.
- SCHWARTZ, Roberto. Nacional por subtração. In: **Que horas são? Ensaios**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987, p. 29-48.
- SCHIMITT, Eva. Mediação artística enquanto arte? Arte enquanto mediação artística?. In: **Revista Humboldt**, Kempten, número 104, ano 52, p. 06-07, 2011.

- SECRETARIA ESTADUAL DE EDUCAÇÃO. Programa Cultura é Currículo. São Paulo, 2008. Disponível em: <<http://culturaecurriculo.fde.sp.gov.br/>>. Acesso em: 01 de julho de 2019.
- SEMINÁRIO Histórias da infância (introdução). São Paulo: MASP, 2015. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=mAIDHP5hufY>>. Acesso em: 01 de julho de 2019.
- SEMINÁRIO Histórias da infância (Conferência de encerramento com Luciano Migliaccio). São Paulo: MASP, 2015. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=0gjb0wsTQcA>>. Acesso em: 01 de julho de 2019.
- SETA, Isabela. Crianças de dez anos descrevem obras em audioguia do MASP: ouça os relatos. **Folha de S. Paulo**, 26 de abril de 2016. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/saopaulo/2016/04/1764495-criancas-de-dez-anos-descrevem-obras-em-audioguia-do-masp-ouca-os-relatos.shtml>>. Acesso em: 01 de julho de 2019.
- SILVA, Gabriela Saenger. **Arte em partilha: práticas artísticas colaborativas e participativas na arte contemporânea**. Dissertação (Mestrado). Instituto de Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.
- SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Tradução de Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa e André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.
- SUZUKI, Marcelo (Org.). **Tempos de grossura: o design no impasse**. São Paulo: Instituto Lina Bo e P. M. Bardi; Fundação Vilanova Artigas, 1994.
- TOTA, Antonio Pedro. **O amigo americano: Nelson Rockefeller e o Brasil**. São Paulo: Cia das Letras, 2014.
- TURINO, Célio. **Ponto de cultura: O Brasil de baixo para cima**. São Paulo: Anita Garibaldi, 2009.
- VARELA, Guilherme. **Plano Nacional de Cultura: direitos e políticas culturais no Brasil**. Rio de Janeiro: Azougue, 2014.
- WARNER, Michael. "Públicos e contrapúblicos". Tradução de Ethienne Nachtigall. In: **Periódico Permanente**, São Paulo, n. 6. 2016. Disponível em: <<http://www.forumpermanente.org/revista/numero-6-1/conteudo/publicos-e-contrapublicos-versao-abreviada>>. Acesso em: 01 de julho de 2019.

Documentos consultados

- Formulários de pesquisa aplicado a professores após as visitas ao MASP – já. A dez. de 2017;
- Excertos dos textos produzidos por estudantes participantes da oficina Gênero e Museu, 2016, disponível no Centro de Documentação do MASP e pastas do Acervo.

